

Quem tem medo da poesia?

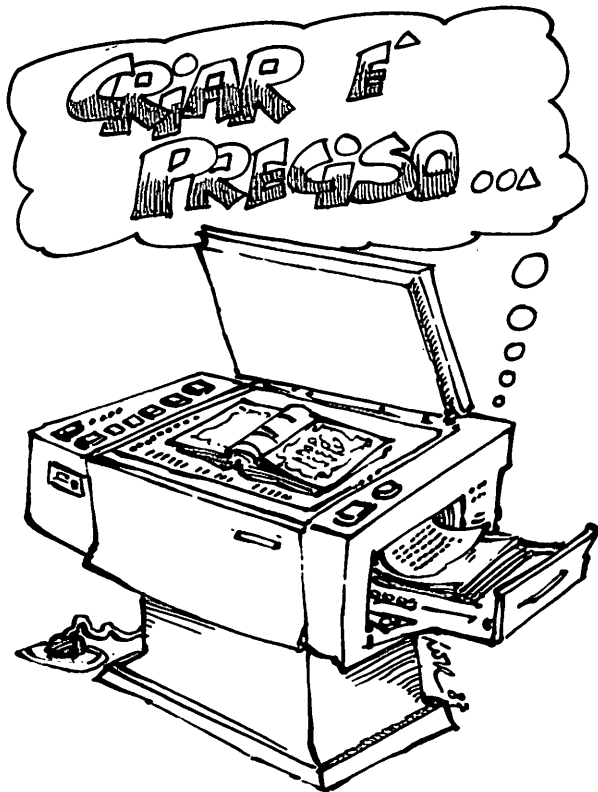
Luiz Cláudio Vieira de Oliveira

FALE/UFMG

Muito se tem escrito sobre a literatura dirigida à infância e à juventude. Houve, recentemente, um *boom* editorial em relação à literatura infanto-juvenil. Escritores esvoaçam por todos os lados, críticos analisam, interpretam e, por que não?, criticam o material produzido. De repente, descobriu-se que esse país tem infância e que, pasmem os leitores, essa infância lê. Lê o quê? Considerando o preço do livro, o salário médio dos brasileiros, o estágio atual do sistema de ensino, verifica-se que, da chamada infância-juventude, quem lê alguma coisa pertence a uma fração muito pequena. E, precisamente, à fração privilegiada economicamente. Não poderia ser de outra forma. Pensar que alguém vá tirar do prato para pôr na estante é mais que utopia.

No entanto, a massa brasileira em idade escolar, dos sete aos quinze anos, apesar de tudo, ainda lê alguma coisa. Lê aquilo que vem nos livros didáticos, a versão moderna dos antigos florilégios. Só que mais reduzida. Apenas os textos selecionados pelos autores, ou autor, chegam, normalmente, às mãos dos alunos. Habitualmente são fábulas, crônicas, excertos de romances, alegorias. Nada mais. Além disso, dada a falta de imaginação crônica desses autores, os textos são sempre os mesmos, por mais diversos que sejam os autores, os livros ou as séries a que se destinam. Se acontece de o aluno mudar de escola, mesmo que a nova adote um outro livro, de outro autor, os textos de um e outro livros permanecerão quase idênticos. Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond, Rachel de Queiroz têm seus textos repetidos à exaustão. Parece que, ao organizar o material para seu livro didático, o autor se vale, principalmente, de outros livros didáticos. Por trabalhar sempre com os mesmos textos, dos mesmos autores, os alunos acabam por desinteressar-se deles e supor que sejam os únicos dentro da literatura brasileira.

Qual o objetivo de se incluir um texto literário dentro de um livro didático? Recrear, deleitar, ensinar, informar, apontar diferenças temáticas e estilísticas entre os diversos (?) auto-



res? Basicamente, supõe-se, o objetivo é o de ensinar. Mas não o de ensinar literatura: ensinar gramática. Há um programa para o ensino de Língua Portuguesa que se estende por quatro anos, os finais, do 1º Grau. Para desenvolvê-lo, é preciso que os autores aliem teoria e prática, isto é, arrolem noções rígidas da variante padrão da língua e textos que provem que alguém escreve de acordo com tais noções, o que também o aluno deve fazer. Com isso se conseguem duas coisas: nem os alunos assimilam tais noções nem adquirem gosto pelos textos, muito menos os imitam. O resultado é a esterilidade total: os alunos não lêem além do que são obrigados e não escrevem mais do que exige a necessidade. Entre a variante padrão e a variante que trouxe de seu meio de origem, o aluno custa a adquirir aquela enquanto reprime esta, considerada "pior" pela escola. O texto literário incluído no livro didático deve ser modelo e fonte de exemplos. Os advérbios são encontrados, por exemplo, em Machado de Assis; os pronomes, em Monteiro Lobato; os sujeitos, simples ou compostos, em Rubem Braga; a evolução vocabular em Drummond e assim por diante. Os textos são, predominantemente, em prosa, uma vez que foram aí colocados para servir de parâmetro para a própria expressão do aluno. E a poesia, qual o lugar reservado para ela?

Após o *docere*, uma pequena dose de *delectare*. À poesia cabe um lugar menor, qualitativa e quantitativamente. Em vários livros didáticos pesquisados, o número de poemas em cada volume é simplesmente ridículo. Há quatro poemas num volume, seis em outro, oito num terceiro. Se considerarmos que o ano letivo tem oito meses, o aluno lê um ou menos de um poema por mês. E só. Convenhamos que, nessas proporções, não dá para despertar em ninguém o gosto pela leitura e, muito menos, pela poesia. Ao fim de quatro anos o aluno leu, no máximo, trinta e dois poemas, quando muito. Os poucos livros recomendados aos alunos como leitura "obrigatória" não incluem nenhuma poesia. O professor, mal remunerado, sem estímulo e, muitas vezes, também um mau leitor, não tem como ou o que passar para os alunos extra livro didático. Na maioria das vezes, não aproveita o contato dos alunos com a música popular brasileira, cujas letras, há muitos e muitos anos fazem a cabeça da rapaziada: de Noel Rosa ao conjunto RPM.

As razões para que a poesia exerça apenas um papel decorativo num livro didático são várias. A principal é que não se ensina gramática, ou análise sintática, por meio da poesia. Já se passaram os tempos em que Camões contribuía para a causa

gramatical, fazendo com que a simples menção d'*Os Lusitadas* causasse arrepios na platéia. E de lá para cá, como se não bastasse a construção elíptica, tão cheia de anacolutos e hipérbatos d'*Os Lusitadas*, a poesia se tornou ainda menos seduzível pela gramática. É ainda menos passível de ser usada como exemplo. Ao contrário, a poesia é, antes de tudo, o anti-exemplo, o oposto do paradigmático e normativo. A poesia causa espanto, subverte os padrões, recria a língua, inventa palavras, torce a sintaxe, utiliza signos não-lingüísticos. A poesia é antididática. E, como tal, excluída do livro que se pretende didático. Ao ser utilizada num manual, o será naquilo que tiver de previsível, de conhecido, de fácil, de padrão. Jamais por seu modernismo. Modernismo e novidade que, deixemos claro, estão presentes tanto num soneto de Camões quanto num soneto de Jorge de Lima; tanto numa cantiga de amigo quanto num poema de Oswald de Andrade. *Os Lusitadas*, e muito poema por aí, deixaram de ser lidos e apreciados, no seu devido valor, exatamente por terem se transformado num instrumento de tortura para o ensino de gramática. Destino a que, se não forem tomadas as devidas providências, será levada a poesia de Drummond ou a de Fernando Pessoa.

A poesia incomoda. Como explicar um verso que não se mede, como mostrar a qualidade onde não há quantidade, o peso do que é imponderável? Como entender a metáfora que não se submete a nenhuma outra metáfora? Como traduzir o intraduzível? Como apontar a lógica do que é, por essência, ilógico? Como perceber que a poesia não está aí para ser despida, dissecada, esquartejada, sendo suas partes expostas aos olhares impudicos do público? Como fazer ver que, antes de tudo, o poema deve ser sentido, escutado, apreciado? A poesia é algo que se deve fruir, que deve dar prazer. A poesia é para ser curtida.

No livro didático, de um modo geral, a poesia é apenas decorativa e o texto em prosa é uma floresta de exemplos. No entanto, quando juntos, desempenham uma outra função: a de ensinar literatura, determinar os estilos literários, as "escolas", os estilos, as características dos autores mais significativos. Em síntese: juntos são uma pequena amostra da história da literatura. Para o aluno, parece que o Barroco, por exemplo, se resume a cinco ou seis características que devem ser localizadas, a todo custo, em textos fornecidos pelo livro ou pelo professor. Conhecer determinada época literária parece significar ter que relacionar fatos históricos, incidentes biográficos, títulos de livros, datas, características de um ou de vários autores dessa época. No entanto, ensinar/aprender literatura não se resume a isso. Literatura não é isso.

Literatura é o que dá voz ao leitor. É o que lhe permite descobrir o mundo ou descobrir-se. É o que fala, expõe, critica, enaltece, simplifica ou exagera o tema que o leitor gostaria de falar, expôr, etc. A literatura tem um valor de uso como um objeto qualquer: preenche uma finalidade, garantindo satisfação, lazer, status, entretenimento, prestígio, estudo, aprofundamento. Pode ser apenas decoração na estante da sala, logo abaixo ou ao lado da televisão ou pode ser algo mais.

Assim como a natureza não dá saltos, a literatura também não. Ainda que se reforce o valor de troca ao invés do valor de uso da obra literária, e por mais que se tente vender ao público uma determinada obra, e não outra, não se impõe um gosto literário, uma escola, um autor ou uma obra. O leitor se aproxima ou se afasta, escolhe um ao invés de outro autor, acha-o difícil ou fácil. Se não gostou, não importa o volume de propaganda a que esteja submetido: não comprará outro livro daquele autor. O leitor traça seu caminho literário ou, simplesmente, o apaga. Algo absurdo como apagar as pegadas do futuro, mas, mesmo assim, possível.

O que significa evoluir como leitor? Ler sempre? Ler muito? Ler a vanguarda? Ler os clássicos? Ler a evolução da literatura? Significaria ler apenas o novo, o experimental, descartando o velho, o anterior? Significaria eleger determinadas obras e lê-las sempre? Pode-se, na verdade, ler indefinidamente o *Dom Quixote*, sem que isto represente uma involução:

Da mesma forma, *Grande Sertão: Veredas*, *Os Buddenbrook*, *Édipo-Rei* ou *Macunaíma*. No entanto, ler indefinidamente a mesma revista em quadrinhos ou de fotonovela ou *best-seller* seria uma involução? Nas obras citadas mais acima, há algo que permanece e se renova continuamente: como numa pintura barroca, onde sempre há detalhes a serem descobertos. Estas obras foram feitas para durar e, nesta duração, renovar-se eternamente. O quadrinho, por outro lado, representa o conjunto de obras feitas para o momento, o aqui e agora, o instante. São, em sua maioria, produtos descartáveis. Tais como a moda, estes produtos culturais são profundamente dinâmicos e transitórios. Mas nem por isso menos importantes. Passar dos quadrinhos ou da fotonovela para o livro, a chamada literatura, significa uma involução ou uma evolução? Na verdade, o que se deve considerar é que são linguagens diferentes que não podem ser avaliadas pelo mesmo critério de valor.

Não importa se o aluno lê quadrinho ou a “literatura”: o que importa é o ato de ler, de descodificar. Importa que cada um descubra a proposta estética daquilo que gosta de ler, seja o que for. Dentro de nossa cultura, situados na instituição a que pertencemos, a escola, o que fazemos é a imposição de um determinado gosto literário, uma certa maneira de descodificar e de receber as obras, isto é, algumas delas. O que é arte senão aquilo que eu aprendo e apreendo como arte? E o que eu aprendo é o que a escola me diz que é. Assim, fecho os olhos à inovação, ao diferente e ao divergente porque foge aos padrões a que me acostumei ou a que fui acostumado. Do mesmo modo, só aceito o que é novo, estranho e incompreensível apenas por ser novo, desprezando o antigo e já conhecido, simplesmente por ser antigo. Não aceito a pluralidade de linguagens, de formas, de gostos, a sua concomitância ou comunidade. Abafo a voz alheia por não ser a minha voz. O descentramento moderno trouxe-nos a pluralidade e mostrou-nos que a verdade não é única. A Lingüística questionou a essência da linguagem e a semiótica apontou-nos a multidão de signos e de linguagens. É preciso saber ler: ler tudo e não apenas, narcisicamente, escutar a nossa própria voz.

É possível mostrarmos a outra pessoa nosso caminho literário, nosso percurso, e fazê-la caminhar conosco: basta partirmos do trilho já percorrido por essa pessoa. Já que a imparcialidade é impossível, vamos fazer-nos menos sectários, ramificando nosso caminho. A literatura é literaturas: para descobri-las, é preciso fazermos o jogo entre obra e leitor, percebermos suas tendências estéticas, seus dados de leitura, sua fruição, seus objetivos. Sem jogarmos esse jogo múltiplo, estaremos impondo ao leitor, ao nosso aluno, aquilo que, para nós, é literatura.

Caberia à escola demarcar e abrir o caminho a ser seguido pelos alunos na descoberta da literatura. Entretanto, ao invés de partir do universo de cada um, que é riquíssimo, escola, livro didático e professor partem do já estabelecido, do que já está gasto pelos anos de uso. Assim, quadrinhos, fotonovelas, televisão, música popular brasileira, samba ou *rock*, em suma, todo o universo cultural que está à volta dos alunos é proibido de entrar na escola. A própria linguagem dos alunos é proibida. Ainda não se entendeu que os alunos têm que criar seu próprio texto, ao invés de ficarem, vida a fora, usando textos alheios, de segunda ou terceira mão.

Uma das maneiras de resolver esse problema seria através da criação de textos pelos alunos, que vivenciaríamos a criação li-

terária passando da teoria para a prática. Durante dois semestres trabalhamos com três turmas de Oficina de Criação Literária na Faculdade de Letras da UFMG. A proposta de trabalho, feita a cada turma, tinha três pontos principais: a) o fazer poético: processos de criação; b) a teoria e a prática: leitura e discussão de textos teóricos; c) a prática da teoria: educação e criatividade – relação entre escola, ideologia e criatividade. Nossa intenção era de, ao lado da criação de textos em sala de aula, abrir um espaço para a reflexão acerca da teoria existente, dos livros didáticos, das propostas alternativas sobre linguagem, gramática, etc., e da possibilidade de aplicação, nas escolas de 1º e 2º Graus, dos processos vivenciados em nossa Oficina.

Os dois últimos itens funcionaram diversamente do previsto: como os alunos decidiam o rumo a ser tomado nas aulas, resolveram ler menos teorias e escrever mais, o que, considerando o excesso de teoria das várias disciplinas da Faculdade, era bastante positivo. As tentativas de aplicação em classes de 1º e 2º Graus foram discutidas individualmente com o professor e, quando necessário, eram sugeridos caminhos ou alternativas. De modo geral, os alunos-professores consideraram positiva a experiência de aplicação dos processos e técnicas que vínhamos empregando na Oficina. É importante ressaltar que tudo foi deixado livre e discutido com os alunos: notas, frequência, produção em sala, programa, tipo de exercícios. Além disso, fizemos avaliações em grupo, oralmente, para verificar o andamento dos trabalhos e se as propostas do professor atendiam às necessidades dos alunos.

Ao contrário do que se poderia supor, a responsabilidade dos alunos cresceu paralelamente à liberdade proporcionada. O nível de participação sempre se manteve elevado, a frequência foi normal, melhor até que em turmas onde se fazia a chamada regularmente. Os alunos sempre tiveram liberdade para críticas, sugestões e autocríticas, mostrando, pelo interesse com que participaram do curso, que podem e devem opinar sobre a disciplina que estiverem cursando.

Nem tudo, entretanto, foram flores. Por falta de hábito, muitos alunos demoraram a se soltar e a colocar no papel tudo o que podiam. Com esses, era preciso uma atenção especial para se liberarem emocionalmente. Após anos e anos colocando no papel apenas o que o professor gostaria de ler, ao terem oportunidade de escreverem algo próprio sentiam-se inibidos. Outros alunos queixaram-se do papel inibidor da Faculdade de Letras que, ao invés de motivar e incentivar, reprimia e blo-

queava. De um modo geral, o quadro era caótico: alunos de Letras, alguns já formados, que não sabiam, não podiam ou não conseguiam escrever criativamente, fora dos padrões exigidos em provas e trabalhos acadêmicos.

Outra das críticas apresentadas incidiu sobre uma proposta da própria Oficina: escrever poesia e não prosa. Acostumados ao “princípio-meio-e-fim”, ao encadeamento lógico das frases, às normas gramaticais rígidas, ao julgamento do texto pelo seu poder de comunicação imediata e direta, os alunos, a princípio, sentiram certa dificuldade em trabalhar livremente com as palavras e os sons. Com o trabalho feito no semestre, através de exercícios que orientaram o processo criativo, os alunos se soltaram e passaram a produzir textos bastante ricos e altamente criativos. O principal é que passaram a refletir sobre poesia, sobre literatura como autores e não mais como seres obrigados a fixar informações e dados. A literatura, de maneira geral, deixou de ser um conjunto de normas e padrões para ser algo livre e criativo.

Para que possamos atrair nosso aluno para a literatura é preciso fazer dele um autor, alguém que sinta os textos primeiro para depois entendê-los, alguém que tenha alguma coisa a falar e não alguém que só ouça, como sempre fez. É preciso desautomatizar o ensino. Só se conseguirá isso estimulando a criatividade de nossos alunos e modificando a mentalidade xerográfica das escolas, professores e livros didáticos. Chega de dados, datas, nomes, lugares, regras, normas, padrões. Chega de ordem e progresso. É preciso romper, quebrar, inverter, refazer, criar. É preciso ler poesia, é preciso fazer poesia. É hora de criar, não de reproduzir.